



Ciência & Saúde Coletiva

ISSN: 1413-8123

cecilia@claves.fiocruz.br

Associação Brasileira de Pós-Graduação em

Saúde Coletiva

Brasil

Villela, Wilza; Monteiro, Simone  
A promissora expansão do uso da categoria gênero pela Saúde Coletiva Brasileira  
Ciência & Saúde Coletiva, vol. 14, núm. 4, julio-agosto, 2009, pp. 994-995  
Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva  
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63011692001>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## A promissora expansão do uso da categoria gênero pela Saúde Coletiva Brasileira

Este número temático sobre gênero e saúde cumpre uma dupla missão: assinalar a importância do gênero como categoria analítica para a saúde coletiva brasileira e apontar para o processo de produção de novos temas, objetos e categorias que a caracterizam, conferindo-lhe vigor e dinamismo peculiar.

Enquanto área interdisciplinar de produção de conhecimento, práticas sociais e significados, a saúde coletiva brasileira tem se mostrado receptiva ao desafio de, continuamente, interrogar-se sobre os modos como os sujeitos e grupos sociais percorrem o caminho entre o nascimento e a morte. Como campo de ação política, marcado pelo compromisso com as demandas sociais, igualmente tem havido abertura para experimentar intervenções que podem tornar esse caminho o mais longo, produtivo e prazeroso possível. No centro de ambos os desafios está o sujeito sexuado e identificado a um ou outro gênero por meio de complexas negociações entre vivências, emoções e as atribuições culturais relativas ao seu sexo.

Partimos da premissa que as ações em saúde, ao serem dirigidas a sujeitos e grupos sociais, deveriam trazer incorporada a idéia de que o ser humano, ao constituir a sua subjetividade em torno do processo de sexuação, não existe fora das tramas do gênero, eixo organizador da cultura. No entanto, dada a relação de origem da saúde coletiva com os saberes da biomedicina, que operam sobre o *corpo*, muitas vezes a dimensão subjetiva e a maneira singular com que cada um a exerce foram negadas ou abstraídas. Deste modo, os atravessamentos do gênero na constituição do sujeito tornaram-se invisíveis na área. Ao mesmo tempo, como os estudos de gênero nasceram relacionados à luta feminista pelos direitos das mulheres, durante algum tempo houve também certa impermeabilidade à utilização desta categoria para além dos limites políticos dados no seu nascedouro.

Felizmente, o compromisso de compreender e atuar sobre o mundo no sentido emancipatório, que marca tanto a saúde coletiva quanto os estudos de gênero, contribuiu para que este distanciamento inicial fosse superado. Dos primeiros trabalhos sobre mulheres e reprodução, passando pelas pesquisas sobre aids, sexualidade, masculinidades e posições de gênero que acompanham os atos violentos, o uso da categoria gênero, articulado aos demais marcadores sociais, tem se mostrado fundamental para o entendimento dos fatos e afazeres humanos e, consequentemente, dos processos de saúde e doença.

O conjunto de artigos reunidos pelo GT Gênero e Saúde da ABRASCO neste número temático buscam, assim, revelar a amplitude de assuntos que, estando afeitos ao campo da saúde coletiva por se voltarem não apenas para corpos e doenças, e sim para sujeitos e trajetórias de vida, se enriquecem quando analisados sob a ótica de gênero.

Ao cumprir sua dupla missão, o presente exemplar pretende também ser um convite para que demais pesquisadores e profissionais de saúde incorporem temas da saúde coletiva a partir da mirada de gênero em suas produções acadêmicas e intervenções sociais. Em suma, almejamos que a abordagem de gênero possa se constituir num eixo transversal na saúde coletiva, contribuindo tanto para incrementar esta área já tão fértil, quanto para a robustez epistemológica da categoria.

Wilza Villela e Simone Monteiro

*Editoras convidadas*

## The promising expansion of the use of the gender category in the Brazilian Health System

This thematic issue about gender and health fulfills a double mission: to highlight the importance of gender as an analytical category in Brazilian public health, and to point out the process of production of new themes, objects, and categories which characterize it, conferring a peculiar vigor and dynamism.

Meanwhile in the interdisciplinary areas of knowledge production, social practices and meanings, Brazilian public health has shown itself to be receptive to the challenge of, continually, questioning itself about the ways the subjects and social groups travel the road between birth and death. As a field of political action, marked by a commitment to social demands, it has also been open to experimenting with interventions which could transform this path into one as long, productive, and enjoyable as possible. In the center of both of these challenges lies the subject, sexualized, and identified with one or another gender through complex negotiations among experiences, emotions and cultural attributes related to its sex.

We begin from the premise that health actions, being directed to subjects and social groups, should incorporate the idea that the human being, the subjective constitution of the sexualizing process, does not exist outside of gender traumas, an organizing axis of culture. However, given the relationship of the origin of public health with the wisdom of biomedicine, that operates on ***the body***, many times the subjective dimension and the singular way in which each one performs were negated or abstracted. In this way, the crossing of gender into the subject's constitution is rendered invisible in the area. At the same time, as gender studies were born related to the feminist struggle for women's rights, during a certain period there was a certain impermeability and this category was used for something somewhat beyond the limits of its birthplace.

Fortunately, the commitment to understand and act in an emancipatory sense in the world, which is as typical to public health as it is to gender studies, contributes to the initial distance being overcome. From the first studies about women and reproduction, moving to research about AIDS, sexuality, masculinity, and gender positions that accompany violent acts, the use of the gender category, articulated through so many social indicators, has shown itself to be fundamental for the understanding of facts and human tasks and, consequently, the processes of health and sickness.

The group of articles chosen by GT Gender and Health of ABRASCO in this thematic issue, then, reveals the amplitude of issues that are becoming introduced into the field of public health, not for being centered only on bodies and diseases, but also around subjects and life trajectories, and enriching itself under the lens of gender analysis.

On carrying out its dual mission, the present model intends to also serve as an invitation for other researchers and professionals to incorporate public health themes, from the angle of gender, into their academic production and social interventions. To sum up, we crave that gender coverage serve as a cross-sectional axis in public health, contributing to the increase in this already fertile area, as well as to the category's epidemiological robustness.

Wilza Villela and Simone Monteiro

**Guest editors**